

**"I'd rather be lucky than good."
Variações Éticas em *Pickpocket*
e *Match Point***

Susana Viegas
(UNL, Portugal)

Partindo de uma leitura ética comparada de *Pickpocket* (Robert Bresson, 1959) e *Match Point* (Woody Allen, 2005), procurarei analisar a perspectiva deleuziana de uma ética imanente do cinema segundo dois princípios: 1) perante a crise da imagem-ação, só há uma verdadeira escolha ética a fazer, escolher acreditar neste mundo, e 2) esta escolha resolve o ceticismo (Stanley Cavell) e a descrença (Gilles Deleuze) originais. Que dimensão ética atravessa *Pickpocket* e *Match Point*? Em *Match Point*, Chris Wilton (Jonathan Rhys Meyers), personagem que dispensa uma vida ética em prol das forças incontroláveis da sorte, não se deixa vencer por sentimentos de culpa. Por seu lado, Michel (Martin La Salle), personagem descrente em *Pickpocket*, apresenta-nos uma versão pós-secular do herói de Crime e Castigo, Raskólnikov. Para além do escrutínio do argumento através dos dilemas éticos envolvidos, uma ética do cinema envolve ainda uma transformação ética do próprio espectador através da experiência estética. Mas, tal como Robert Sinnerbrink questiona, como é que uma experiência estética pode ganhar esta dimensão ética?

**Em busca de um fio condutor:
Agamben, ou a profanação
da ópera pelo cinema**

João Pedro Cachopo
(UNL, Portugal)

No ensaio "In Praise of Profanation", Agamben reelabora o conceito de profanação no contexto do que Benjamin chamou, num fragmento póstumo, a religião do capitalismo. Num mundo em que troca, o consumo e a exibição espectaculares parecem inviabilizar todo e qualquer uso, o gesto profanatório representaria a possibilidade, ainda que precária, de uma relação com objectos irreduzível a fins pré-determinados. Nesta comunicação, adoptando como pano de fundo o modo como neste ensaio de Agamben se compreende o conceito de profanação, procurarei discutir até que ponto faz sentido caracterizar certas representações cinematográficas da ópera como profanações daquele género músico-teatral. Entre os vários motivos que parecem tornar esta hipótese pertinente para discutir em termos politicamente desafiantes o encontro entre aqueles dois géneros, conta-se o facto de Agamben nos convidar a conceber a profanação como uma tentativa de resgatar um objecto ou prática à tradição (seja ela efectivamente religiosa ou genericamente cultural) sem equiparar tal resgate a uma integração desse objecto ou prática na "lógica cultural do capitalismo tardio". Profanar a ópera – e a questão é saber em que sentido o cinema o pode fazer – significaria então mais do que rejeitar o "valor de culto"; implicaria também não confundir o "valor de uso", enquanto oposto quer ao "valor de culto" quer ao "valor de troca", com os seus sucedâneos ou duplos: o consumo e a exibição espectaculares.